



Arquivo recebido em
22/03/2016
e aprovado em
22/06/2016.

V. 6 - N. 11 - 2016

* Mestre em Teologia pela
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC
SP). Email: prof.poeta.
emerson@gmail.com.

A Cruz de Cristo nas Cruzes todas: Profecia e Poesia em D. Pedro Casaldáliga

The Cross of Christ in all
Cross: Prophecy and Poetry
in D. Pedro Casaldáliga

*Emerson Sbardelotti**

Resumo:

O objetivo do artigo é apresentar às novas gerações não um super-herói, mas um ser humano, que passou grande parte da sua vida doando-se aos pobres do Reino, sem deixar cair a profecia, profetizando com muita poesia, assumindo a cruz de Cristo nas cruzes todas que encontrou na estrada da vida. Pedro Casaldáliga é um bispo de muitas lutas e de muitas causas, elas valiam, valem mais do que sua vida, que se tornaram mundialmente conhecidas pela altura dos seus gritos clamando justiça e de seus escritos a favor dos últimos, dos excluídos, dos marginalizados da sociedade. É um poeta, é um profeta, é um homem de fé, de esperança, de sonhos e utopia.

Palavras-chave: D. Pedro Casaldáliga. Profecia. Poesia.

Abstract:

The aim of this paper is to present to the new generation not a super hero, but a human being that devoted much of his life to the poor of the Kingdom, without dropping the

prophecy, prophesying with much poetry, taking the Christ cross on the crosses that he found on the road of life. Pedro Casaldáliga is a Bishop of many struggles and many causes, and all they were worth, "more worth than his life", according to him. His causes and writings became world-famous by the height of their screams calling for justice in favor of the last ones, the excluded, the marginalized of society. He proved to be a poet, a prophet, a man of faith, hope, dreams and utopia.

Keywords: D. Pedro Casaldáliga. Prophecy. Poetry.

Introdução

No dia 30 de julho de 1968, o padre Pedro Casaldáliga, um missionário claretiano, chegou à região de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, Brasil, para nunca mais voltar para Balsareny, na Catalunha, Espanha. O maio francês e a Primavera de Praga faziam o mundo fervilhar; na América Latina e no Caribe, o processo de *aggiornamento* proposto por São João XXIII se fazia ecoar na Conferência de Medellín, que foi a realização na prática do Concílio Ecumênico Vaticano II por estas terras continentais. O Brasil que o padre Casaldáliga conheceu era um país pobre, envolvido por uma sangrenta ditadura militar. Um país onde sobrava a injustiça social, e por causa disso, germinava a profecia.

Em 2016, Dom Pedro Casaldáliga estará completando 88 anos de vida, 48 anos destes vividos na Prelazia de São Félix do Araguaia, onde foi administrador e primeiro bispo. Enfrentando ameaças de morte, convivendo com a morte de amigos, de posseiros, de camponeses, de peões, de indígenas, de lideranças que lutavam por dignidade, reforma agrária, direitos humanos. No objetivo geral do Manual¹ da Prelazia se encontra a linha de ação

1. PRELAZIA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA. **Manual da Prelazia de São Félix do Araguaia – Objetivos, Atitudes, Normas**. São Félix do Araguaia: Independente, 2001.

desta Igreja local no Mato Grosso, coincidentemente, são as mesmas que pautaram a vida de seu primeiro bispo:

No seguimento de Jesus Cristo e em comunhão fraterna com toda a Igreja, o Objetivo Geral da nossa Igreja de São Félix do Araguaia é viver e anunciar a Boa Nova do Evangelho com alegria, jeito humilde e paixão, para acolher o Reino de Deus e contribuir em sua construção já aqui na Terra, na esperança do Reino Definitivo:

- Sendo presença evangélica e testemunho profético na Igreja e na Sociedade, sempre a partir dos pobres e excluídos;
- Lutando pela justiça, pelos direitos humanos, na política, no sindicato, no movimento popular, na militância ecológica, em busca de uma Sociedade igualitária e solidária e de uma Terra-Mãe preservada;
- Acolhendo e valorizando, com espírito crítico, as diferentes culturas e vivências religiosas;
- Formando comunidades participativas, organizadas e com espiritualidade pascal;
- Promovendo a vida de todas as pessoas e da natureza.

O objetivo do artigo é apresentar às novas gerações não um super-herói, mas um ser humano, que passou grande parte da sua vida doando-se aos pobres do Reino, sem deixar cair a profecia, profetizando com muita poesia, assumindo a cruz de Cristo nas cruzes todas que encontrou na estrada da vida.

1 Minhas causas valem mais que minha vida

Dom Pedro Casaldáliga Pla é o bispo emérito da Prelazia de São Félix do Araguaia (1971 – 2005), no Mato Grosso, Brasil. Nasceu em Balsanery, na Catalunha, Espanha, em 16 de fevereiro de 1928. Foi ordenado sacerdote da Congregação dos Missionários Claretianos, em 31 de maio de 1952, aos 24 anos de idade; foi diretor de seminário e diretor de uma revista claretiana, a *Íris*, em Madri. No dia 30 de julho de 1968, chegou ao norte

do Mato Grosso, encarregado de fundar uma missão. Em 23 de outubro de 1971, foi sagrado bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia. Como primeiro ato, publicou uma carta pastoral intitulada *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*, onde denunciou a situação iníqua da estrutura agrária brasileira, colocando a Prelazia e todas as suas forças em defesa dos lavradores e indígenas; posição mantida até os dias atuais. Tem como base teológica e espiritual o fato de que sua vida missionária é uma convicção de que Deus não está separado da vida de seu povo, de sua criação. Defensor e propagador da Teologia da Libertação e da Espiritualidade da Libertação, adotou como lema para sua atividade pastoral: *Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar*. É poeta, autor de várias obras sobre espiritualidade, antropologia, sociologia e ecologia.

No Brasil ajudou a fundar o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) em 1972 e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) em 1975. Escreveu mais de 25 obras em catalão, castelhano e português; em prosa e em verso, várias traduzidas para diversos idiomas. Junto com o padre José Maria Vigil é autor da Agenda Latino-Americana Mundial, além de participar de produções artísticas (cds, dvds, filmes e documentários), como por exemplo: *A Missa da Terra Sem Males* (texto de Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, música de Martín Coplas, 1980); *A Missa dos Quilombos* (texto de Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, música de Milton Nascimento, 1981); o filme *Anel de Tucum* (Verbo Filmes, 1994), onde faz uma participação especial e explica o sentido verdadeiro do anel de tucum. Recebeu prêmios e títulos no Brasil, na Espanha e em outros países. Teve a indicação de seu nome para o Prêmio Nobel da Paz

no ano de 1992. Em 2011, a Verbo Filmes lançou um documentário que é um fiel retrato do bispo que é poesia e profecia, e que se chama: *Pedro profeta da esperança – o legado de Dom Pedro Casaldáliga*.

D. Pedro, em meio às distâncias, encontrou um povo carente, sofrido, abandonado, à mercê das ameaças dos grandes latifundiários da região. Os pobres do Evangelho, a quem havia escolhido dedicar a sua vida, estavam ali.

Em 2005 por conta da idade de 75 anos; renunciou, conforme pede o Código de Direito Canônico, ao governo da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Recebeu títulos de *Doutor Honoris Causa* da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) por sua contribuição na luta pela defesa da vida e pelos direitos humanos. O mais recente título foi concedido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no dia 17 de setembro de 2014, no campus da PUC Ipiranga, sendo recebido pelo padre José Oscar Beozzo que o representou na outorga do doutorado na universidade.

Nos dias 13, 20 e 27 de dezembro de 2014, a TV Brasil em parceria com a televisão espanhola TVE e a catalã TVC apresentou um documentário em 3 capítulos de 52 minutos, intitulado *Descalço sobre a terra vermelha*; a película foi premiada na Ásia, no Festival de Seul, e pelo New York International TV & Film Awards. A minissérie é baseada na obra homônima de autoria do escritor Francesc Escribano.

É claro que Pedro, como gosta de ser chamado, assumiu em sua vida, em seu magistério, na sua poesia, os 13 itens do Pacto

das Catacumbas da Igreja Servidora e Pobre, permanecendo fiel a eles, atualizando-os², não para dar lição, mas para que sua ação e sua oração estivesse permeada das alegrias e esperanças propostas pelo Concílio Vaticano II: a ocasião é de assumir o Concílio Vaticano II atualizado, superar de uma vez por todas a tentação de Cristandade, viver dentro de uma Igreja plural e pobre, de opção pelos pobres, uma eclesiologia de participação, de libertação, de diaconia, de profecia, de martírio. Uma Igreja explicitamente ecumênica, de fé e política, de integração da Nossa América, reivindicando os plenos direitos da mulher superando a respeito os fechamentos advindos de uma eclesiologia equivocada³.

No Vaticano II a Opção pelos Pobres foi a opção de uma minoria clandestina capitaneada por D. Helder Camara. Na Conferência de Medellín (1968, Colômbia) esta opção se tornou a opção de toda uma história da Igreja na América Latina e no Caribe, pois Medellín foi mais avançada que o Vaticano II. O resultado dessa ousadia profética: há medo do Vaticano II e há medo de Medellín. Há o medo de assumir as causas do Reino nas causas da vida. Dentro do espírito do Vaticano II, Pedro⁴ fez o poema *Deus nos livre*:

Deus nos livre
de leigos
com batina no espírito.
Deus nos livre
de padres
sem Espírito Santo.
Deus nos livre
de espíritos
sem a carne da vida.

2. Cf. CASALDÁLIGA, Pedro. BALDUÍNO, Tomás. PIRES, José Maria. **Carta aos Bispos do Brasil**. São Félix do Araguaia: Independente, 15 ago. 2013.

3. TAVARES, Emerson Sbardelotti. **O Pacto das Catacumbas e a Igreja dos Pobres hoje!** São Leopoldo: IHU-UNISINOS, 2015.

4. CASALDÁLIGA, Pedro. **A Cuia de Gedeão – poemas e autos sacramentais sertanejos**. Petrópolis: Vozes, 1982.

Pedro nunca foi um herói, como sempre deixou bem claro, porém nunca deixou de defender a vida. Ele bem diz que herói é o povo que o acolheu e que o transformou, as causas urgentes do povo o mudaram profundamente.

Resumidamente, Pedro Casaldáliga é um bispo de muitas lutas e de muitas causas, elas valiam, valem mais do que sua vida, que se tornaram mundialmente conhecidas pela altura dos seus gritos clamando justiça e de seus escritos a favor dos últimos, dos excluídos, dos marginalizados da sociedade. É um poeta, é um profeta, é um homem de fé, de esperança, de sonhos e utopia⁵, como bem retrata no poema *A utopia é possível*:

A utopia é possível
se nós optamos por ela,
vencendo o passado escravo,
forjando o duro presente,
forçando o novo amanhã.

2 Profecia e poesia

Através da profecia e da poesia de Pedro Casaldáliga se aprende que há possibilidade de ser uma Igreja Pobre, de ser uma Igreja Povo de Deus, pois a humanidade inteira é povo de Deus. Na profecia e na poesia de Pedro encontra-se os pobres do Evangelho. E a primeira missão de um bispo é ser profeta, e profeta é aquele que diz a verdade diante de todo o povo⁶.

Fábio Damasceno⁷ nos diz que no tocante à questão profética ou da profecia hoje, há duas expressões que são necessárias para

5. Idem.

6. ESCRIBANO, Francesc. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

7. DAMASCENO, Fábio. **O que é a profecia? Quem é o profeta? Há profecia hoje?** In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. YUNES, Eliana. (Orgs.). *Profetas e Profecias – Numa visão interdisciplinar e contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

definir fenômenos distintos:

Uma é o que chamo de voz profética. A voz profética é uma voz que chega ao homem, que aparece na cultura e que procede da própria cultura. Ela denuncia as injustiças, as distorções, denuncia aquilo que não é do interesse comum, do bem comum, dos valores maiores da humanidade. A voz profética aponta, fere, acusa, chama a atenção e faz uma crítica profunda do que se passa.

A outra expressão é a da palavra profética. Esta tem diferenças em relação à voz profética, embora também cumpra funções semelhantes às dela. A primeira diferença é de origem. Creio que a cultura não é apenas um sistema fechado, ou seja, o resultado de tudo o que o homem pode criar e desenvolver no seu existir, mas que, acima da cultura está uma outra dimensão, o nível supracultural, que está para além, que transcende a cultura. E este nível procede de Deus, se refere ao eterno, ao Reino de Deus, à dimensão espiritual propriamente dita. Portanto, a palavra profética é a expressão da fala de Deus por meio de instrumentos humanos, é uma fala que procede do divino, que expressa os pensamentos, os desígnios e os avisos do Altíssimo.

Casaldáliga no seu modo simples de ser e de viver no meio do povo da Prelazia de São Félix do Araguaia e em qualquer lugar onde estivesse sempre soube unir a sua voz profética à palavra profética. Sendo um profeta dos nossos dias anunciou o Reino da Vida, denunciou as injustiças cometidas pelo capitalismo e ameaçou os donos do poder. Deixa para nós e para as gerações futuras uma lição de vida⁸:

Eu digo sempre que, pelo batismo, somos sacerdotes, profetas e reis. Toda profecia deveria ser anúncio, denúncia e consolação. Ao lado da Boa-Nova que eu anuncio, há a “má nova” que eu denuncio: é tudo que existe de desespero, injustiça, marginalização, violação. E a consolação: com frequência os profetas são impedidos pelo convite de Deus: “Consolai o meu povo”. Os profetas levam a consolação de conforto com as mãos,

8. DIAS, Arcelina Helena Públio. **Memória e Libertação – caminhos do povo e os murais da Prelazia de São Félix do Araguaia**. São Paulo: Ave Maria, 2014.

com o coração e todo o corpo: beijando, abraçando, visitando o doente, dizendo palavras de estímulo, de conforto. Valorizando o que se tem e o que somos.

Ele mesmo vai dizer em seu diário, de fevereiro de 1984⁹, que, *ser amável com todos é mais fácil, mais cômodo, que ser honestamente profético com todos. Amar é também incomodar.*

Para Pedro o profeta é aquele que grita com os olhos.

A poesia é uma das facetas mais marcantes de Casaldáliga; lendo-as entramos na memória, no ideário e no compromisso do bispo emérito de São Félix do Araguaia. Descobrimos a riqueza de enfrentar ameaças de mortes, dores e inúmeras tragédias, mantendo viva a utopia e a fiel esperança. Pedro Casaldáliga escreve poemas que não são silenciados, pois não são esquecidos.

O poema *Somos Povo de Gente*¹⁰, musicado por Frei Domingos dos Santos, O.P., retrata bem o pensamento de Casaldáliga e sua preocupação com as pessoas que precisam de um pedaço de terra para viverem. Este poema; se tornou o *Hino de Serra Nova* e rapidamente se converteu no hino de várias comunidades rurais espalhadas pelo país:

Somos um povo de gente,
Somos o povo de Deus.
Queremos terra na terra,
Já temos terra nos céus.

Queremos plantar a roça
Onde plantamos o amor.
Lavrador, a terra é nossa,
De um afã e um só Senhor.

9. CASALDÁLIGA, Pedro. **Quando os dias fazem pensar – memória, ideário, compromisso**. São Paulo: Paulinas, 2007.

10. CASALDÁLIGA, Pedro. SANTOS, Domingo dos. *Somos um povo de gente*. Intérprete: Vários. In: **O Canto das Comunidades**. São Paulo: Paulinas COMEP, 1995, 1 CD, faixa 16.

Retirantes, chega o dia
De assentar o pé no chão:
Com fé em Deus e teimosia
E na força da união!

Temos braços e esperança,
Somos gente, hoje, aqui!
Se a pobreza é nossa herança,
Na justiça está o porvir.

Conhecemos a verdade
E sabemos ver e amar.
E exigimos liberdade
Pra viver e melhorar.

Conhecemos a verdade
E o direito de ser mais.
E exigimos igualdade
Terra e casa, mesa e paz.

Lavradores, vida nova!
Gente unida em mutirão!
Gente unida a toda prova,
De uma fé um coração!

Essas matas pra lavoura,
Água clara, puro o ar.
Mão na enxada e pé na espora
E um bom céu para esperar!

Carlos Rodrigues Brandão¹¹ apresentando um dos livros de Pedro Casaldáliga diz assim:

Quando lemos os seus poemas, atentos não apenas ao momento da arte, mas ao instante em que a poesia é também o corajoso testemunho de um tempo, aprendemos que o poema que parece apenas social e político é bem mais do que isto. Vê mais longe, voa mais alto. É uma fala sem disfarces a respeito do amor. Pois é dele que se trata e é desde o amor e o Amor que se fala quando a poesia torna lírica a vocação da profecia. Quando em nome das pessoas – mulheres, homens, crianças, adultos trabalhadores ou desesperados da vida, idosos sem forças e sem esperanças – a quem falta a justiça, a liberdade e o direito social de serem não

11. CASALDÁLIGA, Pedro. **Cantigas Menores**. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

mais do que isto: uma gente feliz, a palavra de um poeta toma a seu cargo dizer a verdade esquecida em outras belas poesias. Tomar a seu cargo, fazer ser seu o ofício do depoimento, do testemunho e, ao mesmo tempo, de uma fala amorosa de esperança. “Esperança”, vejam vocês! Uma palavra e um sentimento que segundo alguns críticos teria tão pouco a ver com a poesia.

Gustavo Gutiérrez¹² diz que *a poesia é a melhor linguagem do amor*. Esta linguagem do amor em Casaldáliga é um amor que se compromete até as últimas consequências: o martírio. Pedro é um bispo que está sempre com os braços abertos. Ama na medida certa e cobra em medida mais certa ainda. Sua poesia é acima de qualquer coisa: estética evangélica.

Enquanto ser poeta, Pedro¹³ assim diz:

Minha vocação natural é ser poeta. Eu digo que todos somos poetas, mas o poeta tem a sorte de poder dizê-lo. O que todos sentimos, o poeta diz... É a minha vocação. Eu não fui um bom poeta – e o digo com toda a sinceridade, e não peço por vaidade –, porque não me dediquei à poesia. Mesmo que o poeta o seja de nascença, é preciso dedicar-se à poesia. Eu respiro poesias, tuso poesias, mas não me dedico a fazê-las. Isso não quer dizer que, quando escrevo alguma, não a corrija, mais ou menos, mas não me dedico a ela. Quando estava no seminário, chegou um momento em que me coloquei a dúvida espiritual de ter de renunciar à poesia... Por sorte eu a recuperei, e me ajudou muito neste Mato Grosso para gritar, para cantar, para rir, para chorar... para amaldiçoar e para rezar. A verdade é que não me arrependo de haver renunciado à dedicação total à poesia. É mais uma de minhas renúncias pela minha vocação missionária.

[...] Eu renunciei ao amor e renunciei à família. E também à poesia, agora; isso não quer dizer que eu não ame, que eu não vibre poeticamente e que não faça, inclusive, poesia. Ademais, qualquer sermão, se você é poeta, se faz com um pouco de poesia.

12. GUTIÉRREZ, Gustavo. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508171-gustavo-gutierrez-o-pai-da-teologia-da-libertacao>>. Acesso em 01 fev 2016.

13. ESCRIBANO, Francesc. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

Em depoimento¹⁴, Pedro Casaldáliga diz o que representa a poesia para ele, qual é o seu método de trabalho e o que pode a Literatura:

A Poesia é a palavra emocionada. Por ela a gente se diz e diz o Universo, o Próximo, o Povo, a Morte, a Vida, Deus, calidamente. A poesia é a resposta sensibilizada a tudo e a todos num encontro, que pulsa a alma e compromete as opções.

Como cristão, como sacerdote, a poesia é também para mim evangelização. Canto a palavra de Deus, o Verbo feito carne e história humanas, Boa Notícia para os Pobres, pregão eficaz de Libertação “Cantar bem – dizia Santo Agostinho – é orar duas vezes”. Pregiar em poesia pode ser uma disciplina, pregação, quem sabe...

Meu trabalho poético, concretamente, é “sobretudo la marcha”, como a gente diz em castelhano: vivendo, tocado por um momento forte, emocionado por um encontro, a partir de uma leitura, evocando, sonhando o amanhã, orando.

Muitos poemas meus nasceram viajando por essas estradas e rios e sertão: a cavalo, de “voadeira”, de ônibus.

Tudo o que pode a palavra humana, potenciada pela beleza; e a palavra, depois do sangue, é sempre o “poder” maior. Somos palavra, dizem os Guarani. Herdeiros da Palavra criadora.

A poesia de Pedro germinou do encontro e da escuta do e com o povo: ouvindo o povo falar, sentindo a Terra e também o Céu. São pequenas fotografias de momentos inesquecíveis. São doces palavras de “fraternura”, preces para quem ora sozinho ou em comunidade, que são antes dirigidas a Deus, no silêncio da noite de lua cheia. O poeta Pedro fala da miséria e da esperança humana, fala das dores e dos amores do povo: Povo Santo de Deus, como expressou o Concílio Ecumênico Vaticano II.

14. CASALDÁLIGA, Pedro. **Águas do Tempo**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.

3 O contrário da fé não é a dúvida, mas o medo

O Papa Francisco repete sempre que a *fé é sorrir na dificuldade com a certeza que amanhã será um dia melhor*. Em Pedro, a poesia e a profecia são mescladas e transpassadas pela fé, aprofundando-se em anúncio, denúncia, convocação, exortação, indicação, chamado, apelo.

Para Casaldáliga¹⁵:

A fé é a pobreza
do nosso coração
visitada por Deus
em Jesus Cristo,
no meio do seu Povo.
(No barro desta Terra,
nas sombras deste Dia,
na massa desta Gente...)
A caminho do Encontro cara a cara!

Ou ainda¹⁶:

A fé é nossa mediação específica, nossa “identidade cristã”. Simultaneamente adesão, testemunho e celebração, em comunidade de convocados/convocadas como Igreja, pelo Espírito de Jesus, a serviço do Reino, no mundo, para a glória do Pai.

Partimos, porém, normalmente de uma fé “herdada”, e devemos crescer para uma fé assimilada pessoalmente com a cabeça, com o coração, com a ação, com a vida. Uma fé teologal, que seja ao mesmo tempo esperança e amor, essa fé que aciona esperançadamente, sem desfalecer, a caridade verdadeira. As três virtudes teologais são, em última instância, uma só atitude vital, a teologalidade da nossa vida.

A fé e a cultura deverão andar sempre unidas e sempre em conflito.

Como um dos fundadores do Conselho Indigenista Missionário

15. CASALDÁLIGA, Pedro. **Cantigas Menores**. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

16. CASALDÁLIGA, Pedro. **Nossa Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

e da Comissão Pastoral da Terra, Casaldáliga, viu padres, amigos e colaboradores serem presos durante a ditadura militar e presenciou a morte do jesuíta João Bosco Penido Burnier, que lhe permitiu sentir de perto a grandeza do martírio. A partir desta vida tirada começou a se celebrar no Santuário dos Mártires da Caminhada Latino-Americana, em Ribeirão Cascalheira, a Romaria dos Mártires. O mantra que Zé Vicente¹⁷ musicou e se canta por esse Brasil afora expressa justamente isso:

Vidas pela Vida,
vidas pelo Reino,
todas as nossas vidas,
como as suas vidas,
como a vida dEle,
o mártir Jesus.

Ele explica sua autêntica veneração e também profunda vocação para o martírio¹⁸:

Antes, os cristãos, os católicos, consideravam mártires apenas aqueles que davam a vida por um artigo de fé, por um dogma. Hoje, consideramos mártires também aqueles que dão a vida por uma causa do reino de Deus. Ampliamos o conceito de mártir, porque, afinal de contas, é mais importante o reino de Deus que qualquer dos dogmas separadamente, não é mesmo?
Sou filho de sangue mártir.

[...] O missionário já não morre “matado” pelo índio, como nas histórias antigas, mas “morre pelo índio”.

[...] É uma sensação que tenho tido com frequência; às vezes senti que acontecia alguma coisa com os agentes de pastoral. É uma sensação estranha que me traz à cabeça a lembrança de alguém, e passo o dia pensando. Então me chega uma carta ou um telefonema dizendo que aquela pessoa teve isso ou aquilo...A verdade é que não passa disso, é uma telepatia modesta, mas o certo é que a tenho. Penso que deve ser a sensibilidade de

17. CASALDÁLIGA, Pedro. VICENTE, Zé. *Vidas pela Vida*. Intérprete: Zé Vicente. In: **Zé Vicente da Esperança**. São Paulo: Paulinas COMEP, 2012, 1 CD, faixa 7.

18. ESCRIBANO, Francesc. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

poeta...

[...] Às vezes tenho a sensação de que estou vivendo de gorjeta, porque escapei da morte muitas vezes e, talvez, porque João Bosco tenha morrido em meu lugar. Diante destas situações, diante das ameaças de morte, estou tranquilo, porque, afinal de contas, estou rodeado de muita gente que também está ameaçada. Dizem nossos teólogos da Libertação que o contrário da fé não é a dúvida, mas o medo. O perigo é ter medo do medo.

Por conta de sua atuação contra a ditadura militar, Pedro se tornou uma pessoa extremamente incômoda e perigosa para os latifundiários e para a ditadura militar, tanto pelo que dizia como pelo que fazia. Por conta disso, o governo militar abriu cinco processos de expulsão contra ele, mas a intervenção direta do Beato Paulo VI impediu que tais processos acontecessem. Mesmo com a intervenção papal, as ameaças se tornaram cada vez mais diretas¹⁹:

Ademais, sei perfeitamente porque me ameaçam, e sei que as causas que sustento são mais importantes que a própria morte que possa vir. Sempre pensei que seria uma morte digna, e uma morte assim honra toda uma vida. [...] Talvez seja porque eu tenha vivido muito isso desde pequeno, e embora alguém possa dizer que é masoquismo, penso que não estou pedindo a morte pela morte, mas pela causa e pelas causas. É uma maneira expeditiva de dizer que, se não levamos a vida com aquela fidelidade com que deveria ter sido levada, se, como cristãos, não nos fomos santificando diante da vida, ao menos santifiquemo-nos de vez diante da morte. [...] Temos de aprender a morrer a vida para aprender a viver a morte.

Em 22 de fevereiro de 1986, Casaldáliga²⁰ envia uma carta aberta ao Papa João Paulo II, depois de pensada e colocada em oração. A carta é um colóquio fraterno – na sinceridade humana e na liberdade do Espírito, onde explica:

19. Idem.

20. CASALDÁLIGA, Pedro. **Cartas Marcadas**. São Paulo: Paulus, 2005.

Sob a ditadura militar, o governo tentou, por cinco vezes, a minha expulsão do país. Quatro vezes foi cercada a prelazia toda por operações militares de controle e de pressão. A minha vida e a vida de vários sacerdotes e agentes de pastoral da prelazia têm sido ameaçadas e colocadas publicamente a preço. Em várias ocasiões, esses sacerdotes, agentes de pastoral e eu mesmo fomos presos; vários deles também torturados. O padre Francisco Jentel foi preso, maltratado, condenado a 10 anos de prisão, posteriormente expulso do Brasil, vindo a morrer exilado, longe de seu país de missão. O arquivo da prelazia foi violado e saqueado pelo exército e pela polícia. O boletim da prelazia foi editado de maneira falsificada pelos órgãos de repressão do regime e assim divulgado pela grande imprensa, para servir de peça de acusação contra a prelazia. Ainda neste momento três agentes de pastoral acham-se submetidos a processos judiciais, sob acusações falsas. Eu pessoalmente tive de presenciar mortes violentas, como a do padre jesuíta João Bosco Penido Burnier, assassinado a meu lado, pela polícia, quando os dois nos apresentamos diante da delegacia-prisão de Ribeirão Bonito para reclamar oficialmente contra as torturas a que estavam sendo submetidas duas mulheres, lavradoras, mães de família e injustamente presas.

Ao longo desses anos todos multiplicaram-se as incompreensões e calúnias dos grandes proprietários de terras, nenhum dos quais vive na região, e de outros poderosos do país e do exterior. Também dentro da própria Igreja surgiram algumas incompreensões de irmãos que desconhecem a realidade do povo e da pastoral nestas regiões afastadas e violentas, onde o povo com frequência tem por ele apenas a voz daquela Igreja que tenta se colocar a seu serviço.

[...] O Deus vivo, Pai de Jesus, é quem vai nos julgar. Deixe-me, entretanto, abrir meu coração para o seu coração de irmão e de pastor. Viver nessas circunstâncias extremas, ser poeta e escrever, manter contatos com pessoas e ambientes da comunicação ou de fronteira (pela idade, pela ideologia, pela alteridade cultural, pela situação social ou pelos serviços de emergência que prestam) podem levar a gestos e posturas menos comuns e por vezes incômodos para a sociedade estabelecida.

A vida pede passagem e nas causas do Reino a profecia e a poesia de Pedro Casaldáliga se tornam um legado político, social,

cultural e religioso que deixou de ser apenas da Prelazia de São Félix do Araguaia para ser nacional e também internacional.

4 Teologia e Espiritualidade da Libertação

É mentira afirmar que a Teologia da Libertação se inspira no marxismo! A Teologia da Libertação se inspira no Evangelho e na pobreza. Evidentemente, não só a TdL mas a Igreja como um todo utilizou categorias marxistas para entender melhor o capitalismo. O capitalismo nunca reconhecerá que sua proposta é antidemocrática.

João Batista Libanio²¹ dizia que a Teologia da Libertação é o ponto de partida de uma tomada de consciência, que hoje ela é um fato social e eclesial, que está sujeito às variações conjunturais da sociedade e da Igreja. É preciso saber se situar diante de tal fato no momento conjuntural, e para isso é necessário ter um mínimo de conhecimento de como se faz uma análise de conjuntura, sobretudo eclesial. Toda teologia é situada em algum lugar. A verdadeira Teologia da Libertação lança suas raízes no solo das culturas do nosso continente, mas abre-se em maravilhosos ramos para captar o oxigênio da história e do Espírito, que não são particularidades de ninguém, mas criação de todos – história –, ou dom a todos – Espírito. Para entender a TdL é necessário, antes de tudo, perceber que ela nasceu num *contexto sócio-político-econômico e cultural* da América Latina, e nesse contexto se encontrava a Igreja, onde mais imediatamente a teologia se situa, num processo de transformação da própria teologia. A TdL decola da pista sólida da *experiência espiritual de Deus na face do pobre*.

21. LIBANIO, João Batista. **Teologia da Libertação – roteiro didático para um estudo**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

A oração, a solidariedade, a profecia e o martírio – uma espiritualidade profunda – é a garantia certa para viver cristãmente a Teologia da Libertação.

Parafraseando Ignacio Ellacuría, Casaldáliga²² afirma:

Ao fundamentar o método da Teologia da Libertação, Ellacuría insiste na tríplice dimensão com que se deve enfrentar – a partir da fé, fazendo teologia cristã – a realidade humano-histórica que nos cabe viver:

- “compreender a realidade”;
- “carregar a realidade”;
- “encarregar-se da realidade”.

Ou seja, deve-se enfrentar a realidade criticamente, eticamente, comprometidamente. Também carregar a realidade teologicamente deveria equivaler a carregar cristãmente a cruz. Deve-se fazer teologia com toda a alma, e não somente com o cérebro.

Casaldáliga sabe que em relação à Teologia da Libertação, ainda hoje, há desconfianças, há incompreensões, há inverdades, há alguns medos que não desaparecem, como por exemplo: o medo de que as pessoas que a defendem e praticam se tornem marxistas, comunistas, materialistas e ateus. Temem que haja uma descentralização. Acreditam que se politiza tudo, a fé e o compromisso evangélico. Com os olhos cheios de esperança Pedro diz: *“Para mim, o que acontece é que nos temem porque não nos conhecem bem. Não conhecem o processo que nos levou à Teologia da Libertação e, por isso, dizem, com uma certa superficialidade, que nos inspiramos no marxismo. Isso me indigna, porque a Teologia da Libertação se inspira no Evangelho e no clamor e no grito dos pobres”*.

Quando perguntado, o que fica hoje da Teologia da Libertação

22. CASALDÁLIGA, Pedro. **Quando os dias fazem pensar – memória, ideário, compromisso**. São Paulo: Paulinas, 2007.

ele responde de imediato: “*ficam os pobres e fica Deus!*”!

Em outro momento Pedro²³ recorda que:

Têm havido muitas teologias, e o que não passa é o Evangelho, não passa a humanidade, nem passa o Deus dos pobres. Esta tem sido a teologia mais assinada com o sangue dos mártires, a que levantou a esperança dos latino-americanos, a que possibilitou que a Igreja fizesse opção pelos pobres. Considero-me teólogo da libertação, mas não sou teólogo. Eu prego a Teologia da Libertação porque prego o Evangelho a partir da América Latina, prego a opção pelos pobres.

Pedro Casaldáliga²⁴ entende que a Teologia da Libertação e a Espiritualidade da Libertação propugnam como postura fundamental para uma autêntica vivência da fé cristã a *volta do Jesus Histórico*. Essa volta – a mais legítima volta às origens – nos permite conhecer e seguir a prática de Jesus, aceitar com veracidade o Cristo da fé (e não um Cristo sem Reino, ou sem cruz, ou sem bem-aventuranças, ou sem partilha de alimento com os excluídos), confessar que o ressuscitado é o crucificado, descobrir os rostos de Cristo hoje, entre nós, como nos pede o próprio Evangelho.

João Batista Libanio²⁵ nos lembra que:

A TdL só se manterá como tal se conservar, em forma ampliada, a estrutura básica das mediações socioanalíticas, antropológicas, culturais e religiosas como ponto de partida. Pelas mediações hermenêuticas, interpreta-se a revelação à luz da opção pelos pobres. [...] A mediação da práxis está a pedir novos compromissos com o processo de transformação da sociedade neoliberal na perspectiva dos pobres. O conceito, porém, de pobre ampliou-se. Além do pobre econômico, gerado pela so-

23. ESCRIBANO, Francesc. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

24. CASALDÁLIGA, Pedro. **Nossa Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

25. LIBANIO, João Batista. **O sentido de uma metodologia teológica para a libertação**. In: AUGUSTO, Adailton Maciel. (Org.). *Teologia da Libertação no Brasil – História, Memória e Utopia*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2015.

cidade industrial, a sociedade globalizada do conhecimento, da informática está a gerar o pobre excluído das novas formas de conhecimento, impedindo-o de sair da situação de dependência.

[...] Numa palavra, estamos no limiar de nova civilização, de novo paradigma cultural e religioso que se forjam à margem e em detrimento dos pobres. E a TdL só terá futuro se não abrir mão de pensar tal situação à luz da opção jesuana pelos pobres. Por isso, toca-lhe recuperar o frescor evangélico do Jesus palestinese, como fonte crítica da Sociedade e da Igreja.

Diferentemente de teologias que se dirigem unicamente às classes letradas, a TdL conservará presença e originalidade à medida que fizer o duplo trabalho de purificar a linguagem teológica de conceitos ideologicamente carregados por visões alienantes e de trabalhar as expressões religiosas populares a fim de alimentar as comunidades eclesiais de base. Na linguagem de D. Aloísio Lorscheider, nelas está a esperança da Igreja. E elas se alimentarão da teologia popular da libertação em termos de fé, de liturgia e de pastoral.

Antes de uma TdL, há uma *Espiritualidade da Libertação*, que logo de início precisa ser estudada para que a TdL não desfigure e não seja confundida com alguma filosofia ou sociologia da libertação.

Frei Betto²⁶ diz que:

A espiritualidade constitui o fundamento, a base, a motivação de nossa vida interior, subjetiva. [...] É o poço onde cada um de nós se abastece na vida espiritual.

A espiritualidade é o nosso verdadeiro eu, que muitas vezes não conseguimos vivenciar. Esse eu, na verdade, é um Outro Eu que está sempre a apontar o rumo certo de nossas vidas.

[...] Felizmente, nas comunidades eclesiais de base, nas pastorais sociais, nos grupos de leitura popular da Bíblia, fortalece-se a espiritualidade de inserção evangélica. A que nos induz a ser fermento na massa e crer na palavra de Jesus, de que ele veio “para que todos tenham vida e vida em abundância” (João 10,10).

26. BETTO, Frei. **Fome de Deus – fé e espiritualidade no mundo atual**. São Paulo: Paralela, 2013.

Fomos criados para ser felizes neste mundo. Se há dor e injustiça, não são castigos divinos, resultam da obra humana e por ela devem ser erradicadas. Como diz Guimarães Rosa, “o que Deus quer ver é a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre e amar no meio da tristeza. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas cair não prejudica demais. A gente levanta, a gente sobe, a gente volta”.

Para Jon Sobrino²⁷, na América Latina e no Caribe, a espiritualidade sempre esteve presente, de fato e de direito, na origem dos processos de libertação; e a história posterior outra coisa não fez senão demonstrar sua necessidade e importância. Por trás de toda prática inovadora da Igreja, na raiz de toda verdadeira e nova teologia, esconde-se latente uma experiência religiosa típica. Os pobres não são somente os beneficiários da libertação, mas a sua mera presença aí constitui para o crente o lugar histórico de Deus.

A Espiritualidade da Libertação é um acesso ao Deus da Vida possibilitando o encontro com Deus na história, uma harmoniosa relação pessoal e comunitária com Ele.

Casaldáliga e Vigil²⁸ afirmam:

A palavra espiritualidade deriva de “espírito”. E, na mentalidade mais comum, espírito se opõe à matéria. Os “espíritos” são seres imateriais, sem corpo, muito diferentes de nós. Nesse sentido, será espiritual o que não é material, o que não tem corpo. E se dirá que uma pessoa é “espiritual” ou “muito espiritual” se vive sem se preocupar com o material, nem sequer com seu próprio corpo, procurando viver unicamente de realidades espirituais.

Estes conceitos de espírito e espiritualidade como realidades opostas ao material e ao corporal provêm da cultura grega.

27. SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da Libertação – Estrutura e Conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

28. CASALDÁLIGA, D. Pedro. VIGIL, José Maria. **Espiritualidade da Libertação**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

[...] Também o idioma ancestral da Bíblia, a língua hebraica, o mundo cultural semítico, não entendem assim o espiritual. Para a Bíblia, espírito não se opõe à matéria, nem ao corpo, nem à maldade (destruição); opõe-se à carne, à morte (a fragilidade do que está destinado à morte); e opõe-se à lei (a imposição, o medo, o castigo). Neste contexto semântico, espírito significa vida, construção, força, ação, liberdade. O espírito não é algo que está fora da matéria, fora do corpo ou fora da realidade real, mas algo que está dentro, que habita a matéria, o corpo, a realidade, e lhes dá vida, os faz ser o que são; enche-os de força, move-os, os impele; lança-os ao crescimento e à criatividade num ímpeto de liberdade.

Em hebraico a palavra espírito, ruah, significa vento, respiração, hálito. O espírito é, como o vento, ligeiro, potente, envolvente, imprevisível. É, como o alento, o vento corporal que faz com que a pessoa respire e se oxigene, para poder continuar viva. É como o hálito da respiração: quem respira está vivo; quem não respira, está morto.

O espírito não é outra coisa senão o melhor da vida, o que faz com que ela seja o que é, dando-lhe caridade e vigor, sustentando-a e impulsionando-a.

[...] O espírito de uma pessoa é o mais profundo de seu próprio ser: suas “motivações” últimas, seu ideal, sua utopia, sua paixão, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia os outros.

[...] Espírito é o substantivo concreto, e espiritualidade é o substantivo abstrato.

[...] Podemos entender a espiritualidade de uma pessoa ou de uma determinada realidade como seu caráter ou forma de ser espiritual, como o fato de estar adornada desse caráter, como o fato de viver ou de acontecer com espírito, seja esse espírito o que for.

Para Pedro a Igreja de Jesus deverá ser sempre Igreja dos Pobres. Porque a causa de Jesus é o Reino, que é Boa Notícia para os pobres. Os pobres ocupam um lugar central na Igreja: esse lugar central é o resultado da soma da centralidade do amor, da justiça, da realidade humana e de Deus.

A Espiritualidade da Libertação que Casaldáliga vive e propaga é o seguimento de Jesus no meio do povo, no Espírito de Jesus,

prossequindo apesar dos pesares sua causa, que é o Reino, nesta hora sombria e neoliberal neste lugar que é a América Latina e o Caribe, Continente da morte, mas sobretudo, da Esperança. De forma sintética ele assim caracteriza a Espiritualidade da Libertação como: cristológica, da prática de Jesus, no seu seguimento; situada, política, histórica, tropeçando com o Deus dos pobres, encontrando Deus nas práticas mais diárias, mais sociais, mais comunitárias; na cruz da profecia e do conflito, assumidos pascalmente; entre gratuidade e a exigência; sendo contemplativos na libertação, descodificando o Reino ou o anti-Reino na realidade, aqui e agora; enraizada em nossas culturas e em nossa história; herdeira comprometidamente do sangue mártir; profeticamente alternativa ao sistema de morte e exclusão; numa corresponsabilidade eclesial, adulta, livre, serena e com espírito ecumênico e macroecumênico. E fica uma certeza poética²⁹:

Se não vens para dar
o coração e a vida,
não te preocupes em entrar;
porque em tua entrada
está tua saída.
Se tu vens buscar
um leite em hora tranquila
não te preocupes em entrar
onde a flor mais bela
é uma ferida.
Este é um lugar propício
tão só para o sacrifício.
Aqui tens que ser
o último a comer,
o último a ter,
o último a dormir
e o primeiro a morrer.

29. CASALDÁLIGA, Pedro. **Quando os dias fazem pensar – memória, ideário, compromisso**. São Paulo: Paulinas, 2007.

5 Manter viva a fiel esperança

Muitas lideranças que assim como Pedro se aventuraram pela profecia, pela poesia e pela Teologia da Libertação, encontraram nele um porto seguro, um avô, um pai, um irmão mais velho que soube aconselhar, soube torcer, que sorria, sorri, que chorava, chora junto, e acima de qualquer coisa soube incentivar novos e velhos talentos; dando dicas, refletindo junto, fazendo pensar e caminhar. O poema *Canção da foice e do feixe*³⁰ demonstra a radicalidade e a entrega de um profeta em manter viva a fiel esperança:

[...] Chamar-me-ão de “subversivo”,
Eu responderei incisivo: o sou.
Pelo meu povo que luta,
pelo meu povo que trilha apressado
caminhos de sofrimento.
Eu tenho fé de guerrilheiro
e amor de revolução.
E entre Evangelho e canção
peno, e digo o que sei.
Se escandalizo, primeiro
eu me abrasei de Paixão
na Cruz de meu Senhor!

Enquanto pôde escrever, enviou cartas de próprio punho para todos, todas; que entravam em contato com ele; hoje, convivendo com o “irmão” Parkinson, é auxiliado pela equipe da Prelazia para ler para ele os livros e as mensagens por correio eletrônico que vão chegando a cada dia, e ditando com voz baixinha vai respondendo na medida do possível; por conta deste carinho todo, enquanto foi possível, nunca recusou enviar uma mensagem, uma oração, palavras de conforto ou um convite para apresentar obras de outros irmãos-colegas de letras e utopias. Em uma dessas apresenta-

30. SBARDELOTTI, Emerson. **Espiritualidade da Libertação Juvenil**. São Leopoldo: CEBI, 2015.

ções Casaldáliga³¹ escreveu:

Entendo que o mistério é sobretudo o grande mistério do Deus de Jesus, amando-nos, nos acolhendo, nos perdoadando, nos salvando. O Deus presente em cada coração, em toda a humana História, no misterioso Universo inteiro. E entendo que o sopro é sobretudo o próprio Espírito desse Deus, alentando em nossas vidas, empurrando a caminhada.

O desafio está, para cada um e cada uma de nós, e bem particularmente para a juventude toda, se abrir a esse mistério, e se deixar levar por esse sopro pentecostal.

Desde o primeiro momento Pedro Casaldáliga demonstrou que seria um bispo diferente. Ser diferente era estar no meio dos pobres, viver como eles, não ter nada além do que eles tinham. Decidiu não utilizar nem mitra, nem báculo, nem anel. Queria ser consequente e conseguiu ser, sem com isso dar lição a ninguém. Dentro do espírito do Pacto das Catacumbas, redigiu um convite-lembrança da cerimônia que é uma autêntica declaração de princípios³²:

Tua mitra será um chapéu de palha sertanejo, o sol e o luar, a chuva e o sereno, o olhar dos pobres com quem caminhas e o olhar glorioso de Cristo, o Senhor.

Teu báculo será a Verdade do Evangelho e a confiança de teu povo em ti.

Teu anel será a fidelidade da Nova Aliança do Deus Libertador e a fidelidade ao povo desta terra.

Não terás outro escudo que a força da Esperança e a Liberdade dos filhos de Deus, nem calçarás outras luvas que o serviço do Amor.

A fome, a pobreza, a corrupção, a violência, o extermínio das juventudes têm aumentado; ao passo que a conscientização tem

31. TAVARES, Emerson Sbardelotti. **O Mistério e o Sopro – roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens**. Brasília: CPP, 2005.

32. ESCRIBANO, Francesc. **Descalço sobre a terra vermelha**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

sido diminuída nos e pelos meios de comunicação, tem sido covardemente combatida. Há consciência pouca, há protesto pouco, há organização pouca, tudo parecendo favorecer aos desejos do capitalismo que insiste em função do lucro de alguns, matar os sonhos e as esperanças de muitos.

Existe, sem dúvida, um incontável anseio de mudança, porém as posturas não mudam. Se quer um outro mundo novo possível, se quer uma outra Igreja também, mais profética, mais pobre, mais inculturada, mais samaritana, mais sinodal, mais responsável, mais fraterna, sem fundamentalismos e fanatismos. Isso é necessário e urgente. Não é possível mais se deixar levar pela prática da inércia: se fala, se prega, se debate...mas, tudo continua do mesmo jeito...como diz o povo: entra por um ouvido e sai por outro. São três, os desafios desta hora: 1. A descentralização mundializada; 2. A participação responsável; 3. O diálogo solidário. Se forem assumidos com ousadia profética e liberdade evangélica, a Igreja será mais crível e evangelizadora. É o que D. Pedro Casaldáliga ainda espera ver acontecer na Igreja e na sociedade, para que um outro novo mundo novo possa de fato acontecer. São os desafios que ele propõe.

A esperança é que se cresça ainda mais o clamor de atualização e ampliação do Vaticano II e de Medellín respondendo às grandes urgências eclesiais e expectativas da Humanidade neste tempo hodierno.

Fiel teimosia e fiel esperança são palavras do cotidiano de Pedro Casaldáliga³³ e fazem parte do seu processo de missão e de mudança. Mudança cheia de alegria, como bem diz o poema

33. CASALDÁLIGA, Pedro. *Orações da Caminhada*. Campinas. Verus Editora, 2005.

Vento de Deus:

Tu que sopras onde queres,
Vento de Deus dando vida,
sopra-me, sopra fecundo!
Sopra-me vida em teu sopra!
Faze-me todo janelas,
olhos abertos e abraço.
Leva-me em Boa Notícia
sobre os telhados do medo.
Passa-me em torno das flores,
beijo de graça e ternura.
Joga-me contra a injustiça
em furacão de verdade.
Deita-me em cima dos mortos,
boca-profeta a chamá-los.

Conclusão

A Teologia da Libertação celebra em 2016, 45 anos de vida militante e saúde evangelizadora. Casaldáliga entende que não é preciso defendê-la, porque ela se defenderá sozinha enquanto houver Deus dos pobres, Evangelho de Jesus de Nazaré e Igreja samaritana.

Profeta é aquele que adivinha o presente, desentranhando-o.

Poeta é aquele que desentranha o que o profeta ainda não adivinhou do presente e do passado.

O velho bispo segue vivendo cada dia sua fé de guerrilheiro, seu amor de poeta, sua gana de profeta. Olha para os sinais dos tempos colocados pelo Papa Francisco e sorri, e acredita, e louva. Há um primaveril sopra divinal nesta hora da História da Igreja. Ele se prepara para a Páscoa, com a certeza de ter combatido o bom combate. De cantiga em cantiga, de oração em oração, de poema em poema, atravessa o limiar do tempo presente agradecendo a Deus por tudo o que viveu e o que ainda por ventura irá viver.

Por incrível que possa parecer, as ameaças de morte ainda rondam Pedro Casaldáliga, ele insiste, evangelicamente, em defender os desprotegidos, os excluídos, os pobres. *Profecia Extrema*³⁴; é um poema que antecipou tais ameaças de morte, e assim diz:

Eu morrerei de pé como as árvores.
 Me matarão de pé.
 O sol, como testemunha maior, porá seu lacre
 sobre meu corpo duplamente ungido.
 E os rios e o mar
 serão caminho
 de todos meus desejos,
 enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.
 Eu direi a minhas palavras:
 - Não mentia ao gritar-vos.
 Deus dirá a meus amigos:
 - Certifico
 que viveu com vocês esperando este dia.
 De golpe, com a morte,
 minha vida se fará verdade.
 Por fim terei amado!

Pedro Casaldáliga é um bispo de muitas lutas e de muitas causas, elas valiam, valem mais do que sua vida. Ele segue profetizando e poetizando as questões mais urgentes, as questões mais simples do cotidiano, com estética evangélica e experiência de quem viveu e venceu muitas batalhas, perdeu outras, mas sempre encontrou força no meio do povo que o acolheu e se inspira nele. No poema *Pobreza Evangélica*³⁵ nos deixa um alerta, um compromisso, um incentivo para a caminhada:

Não ter nada.
 Não levar nada.
 Não poder nada.
 Não pedir nada.
 E, de passagem,

34. CASALDÁLIGA, Pedro. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516345-poesia-de-pedro-casaldaliga-que-antecipou-sua-perseguiacao>>. Acesso em 10 fev 2016.

35. Poema declamado ao autor durante conversa na Romaria dos Mártires da Caminhada Latino-Americana em Ribeirão Cascalheira – MT, no ano de 2011.

não matar nada;
não calar nada.
Somente o Evangelho, como uma faca afiada.
E o pranto e o riso no olhar.
E a mão estendida e apertada.
E a vida, a cavalo, dada.
E este sol e estes rios e esta terra comprada,
como testemunhas da Revolução já estalada.
E mais nada!

Pedro Casaldáliga faz pensar. Que seus gestos e palavras não nos deixem quietos!

Que o memorial de sua vida seja exemplo de vocação, compromisso, fidelidade, liberdade, sobretudo, defesa da Vida e da opção pelos pobres.

Bibliografia

- BETTO, Frei. Fome de Deus – fé e espiritualidade no mundo atual. São Paulo: Paralela, 2013.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. A Cuia de Gedeão – poemas e autos sacramentais sertanejos. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Águas do Tempo. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Cantigas Menores. Goiânia: Editora da UCG, 2003.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Cartas Marcadas. São Paulo: Paulus, 2005.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516345-poesia-de-pedro-casaldaliga-que-antecipou-sua-perseguicao>>. Acesso em 10 fev 2016.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Juventude com Espírito. São Paulo: CCJ, 1996.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Nossa Espiritualidade. São Paulo: Paulus, 1998.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Orações da Caminhada. Campinas. Verus Editora, 2005.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. Quando os dias fazem pensar – memória, ideário, compromisso. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CASALDÁLIGA, Pedro. SANTOS, Domingo dos. Somos um povo de gente. Intérprete: Vários. In: O Canto das Comunidades. São Paulo: Paulinas COMEP, 1995, 1 CD, faixa 16.

- CASALDÁLIGA, Pedro. VICENTE, Zé. Vidas pela Vida. Intérprete: Zé Vicente. In: Zé Vicente da Esperança. São Paulo: Paulinas COMEP, 2012, 1 CD, faixa 7.
- CASALDÁLIGA, D. Pedro. VIGIL, José Maria. Espiritualidade da Libertação. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CASALDÁLIGA, Pedro. BALDUÍNO, Tomás. PIRES, José Maria. Carta aos Bispos do Brasil. São Félix do Araguaia: Independente, 15 ago. 2013.
- DAMASCENO, Fábio. O que é a profecia? Quem é o profeta? Há profecia hoje? In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. YUNES, Eliana. (Orgs.). Profetas e Profecias – Numa visão interdisciplinar e contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- DIAS, Arcelina Helena Públio. Memória e Libertação – caminhos do povo e os murais da Prelazia de São Félix do Araguaia. São Paulo: Ave Maria, 2014.
- ESCRIBANO, Francesc. Descalço sobre a terra vermelha. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508171-gustavo-gutierrez-o-pai-da-teologia-da-libertacao>>. Acesso em 01 fev 2016.
- LIBANIO, João Batista. O sentido de uma metodologia teológica para a libertação. In: AUGUSTO, Adailton Maciel. (Org.). Teologia da Libertação no Brasil – História, Memória e Utopia. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2015.
- LIBANIO, João Batista. Teologia da Libertação – roteiro didático para um estudo. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- PRELAZIA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA. Manual da Prelazia de São Félix do Araguaia – Objetivos, Atitudes, Normas. São Félix do Araguaia: Independente, 2001.
- SBARDELOTTI, Emerson. Espiritualidade da Libertação Juvenil. São Leopoldo: CEBI, 2015.
- SOBRINO, Jon. Espiritualidade da Libertação – Estrutura e Conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- TAVARES, Emerson Sbardelotti. O Mistério e o Sopro – roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens. Brasília: CPP, 2005.
- TAVARES, Emerson Sbardelotti. O Pacto das Catacumbas e a Igreja dos Pobres hoje! São Leopoldo: IHU-UNISINOS, 2015.